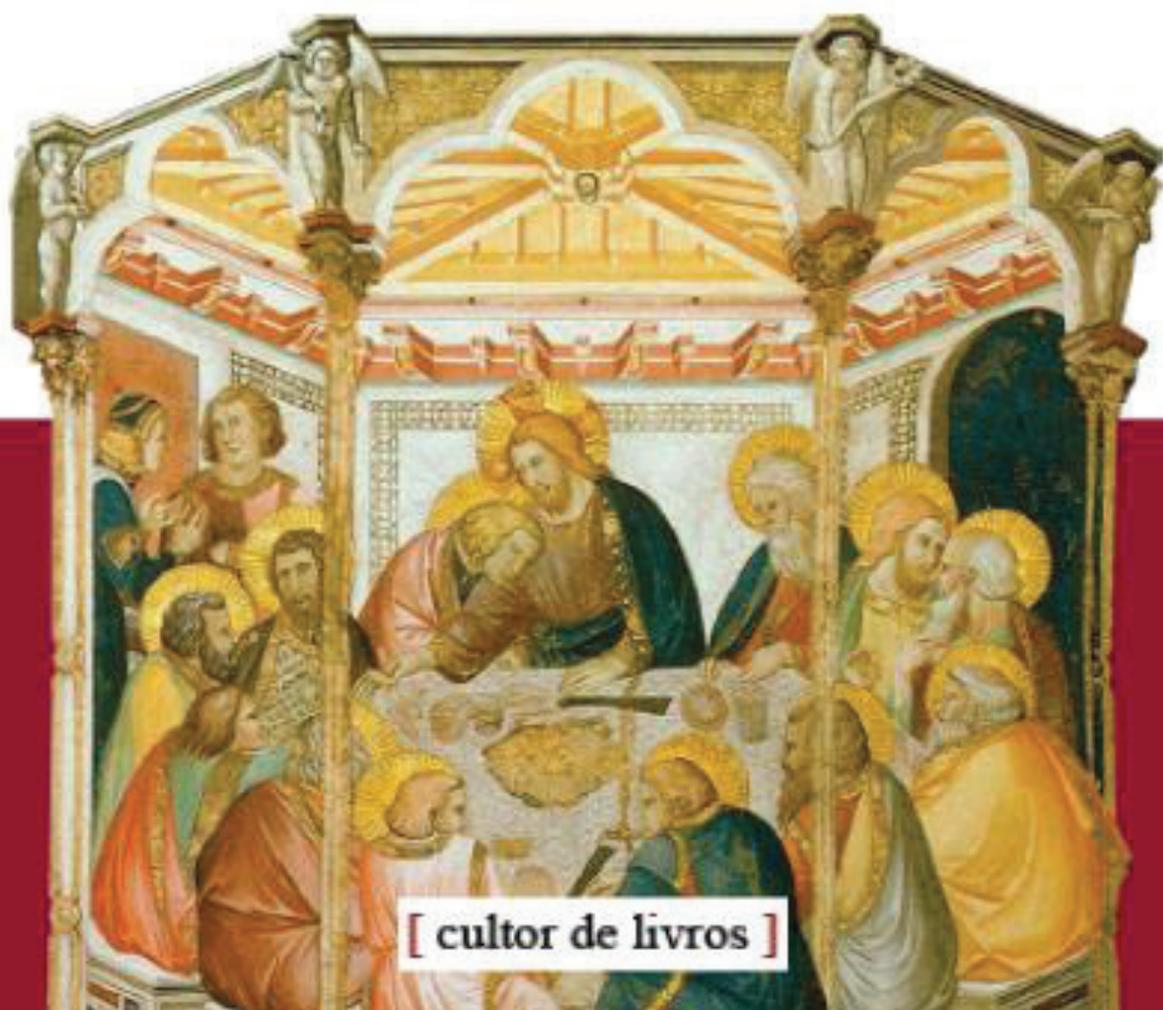


# AMAR E ENSINAR A AMAR

---

A FORMAÇÃO DA AFETIVIDADE  
NOS CANDIDATOS AO SACERDÓCIO

Francisco Javier Insa Gómez (coordenador)



[ cultor de livros ]

# AMAR E ENSINAR A AMAR

*A formação da afetividade nos candidatos ao sacerdócio*



FRANCISCO JAVIER INSA GÓMEZ (COORDENADOR)

# AMAR E ENSINAR A AMAR

*A formação da afetividade nos candidatos ao sacerdócio*

Tradução de Margarida Hulshof

[ cultor de livros ]  
São Paulo  
2019

© Francisco Javier Insa Gómez, 2019

**Título Original**

*Amare e insegnare ad amare.*

*La formazione dell'affettività nei candidati al sacerdozio*

**Tradução**

Margarida Hulshof

**Capa**

Liliana M. Agostinelli

**Diagramação**

Elisa Hulshof

Imagem da capa: Pietro Lorenzetti, Última Cena,  
afresco da Basílica inferior de São Francisco em Assis, 1310-1319.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

INSA GÓMEZ, Francisco Javier (coord.)

Amar e ensinar a amar: a formação da afetividade nos candidatos ao sacerdócio. Francisco Javier Insa Gómez (coord.). Tradução de Margarida Hulshof / São Paulo: Cultor de Livros, 2019.

ISBN 978-85-5638-175-0

1. Vida cristã 2. Sacerdócio 3. Afetividade I.  
Francisco Javier Insa Gómez. II. Título

CDD 248.894 2

**Índices para catálogo sistemático:**

Vida cristã : Sacerdócio 248.894 2

**Todos os direitos desta edição estão reservados a:**

Cultor de Livros

Edição e distribuição de publicações

Rua Iperoig, 719 – CEP: 05016-000 – São Paulo/SP

Tel. (11) 3672-3508

[www.cultordelivros.com.br](http://www.cultordelivros.com.br)

# SUMÁRIO

## APRESENTAÇÃO: A AFETIVIDADE HUMANA E A CASTIDADE CRISTÃ *Francisco Javier Insa Gómez*

Uma nova relação com Deus.....	11
A afetividade humana.....	13
A castidade cristã.....	15
A formação da afetividade nos candidatos ao sacerdócio.....	17
Conteúdo do livro.....	19

## I. A VIRTUDE CRISTÃ DA CASTIDADE: QUESTÕES TEOLÓGICAS E ANTROPOLÓGICAS

### ASPECTOS TEOLÓGICOS DA CASTIDADE CRISTÃ: DEIXAR CRESCER A FÉ, A ESPERANÇA E A CARIDADE *Mons. José María Yanguas*

1. Introdução.....	27
2. Jesus Cristo no centro da fé e da vida cristã.....	28
3. Caridade e castidade.....	33
4. Fé e castidade.....	42
5. Esperança e castidade.....	47
6. Conclusão.....	50

### A FORMAÇÃO NA FORTALEZA E NA TEMPERANÇA *Julio Diéguez*

1. Introdução.....	53
2. Algumas ideias sobre a formação para a castidade.....	56
a) <i>Formar a inclinação</i> .....	56
b) <i>Formar é integrar</i> .....	57

c) <i>É uma virtude</i> .....	59
d) <i>Criar um mundo, um clima interior</i> .....	62
3. Os meios .....	64
a) <i>Meios pessoais diretos</i> .....	65
b) <i>Meios pessoais indiretos</i> .....	67
c) <i>Meios institucionais</i> .....	69
4. Conclusão .....	70

## QUERER SER AMADO

### À AVENTURA DE EDUCAR E DESFRUTAR DO AMOR

*Paul O'Callaghan*

1. Amar e ser amado.....	71
2. Algumas dificuldades.....	72
3. A chave do amor.....	74
4. Uma dinâmica de gratificação diferida.....	75
5. Educar para desfrutar da aventura do amor.....	77

## II. A PERSPECTIVA PSICOLÓGICA

### PERSONALIDADE, NEUROSE E *BURNOUT*

*Wenceslao Vial*

1. Introdução .....	87
2. Transtornos de personalidade .....	88
3. Ansiedade e depressão .....	91
a) <i>Ansiedade</i> .....	93
b) <i>Depressão</i> .....	95
4. Enfermidades do dom de si e síndrome do <i>burnout</i> .....	97
5. Conclusão .....	100

### DEPENDÊNCIA AFETIVA E PERFECCIONISMO:

#### UMA PROPOSTA A PARTIR DA TEORIA DO APEGO

*Francisco Javier Insa Gómez*

1. Introdução: o sintoma neurótico.....	101
---	-----

2. A origem da insegurança segundo a psicologia evolutiva: o apego ..	103
a) A teoria do apego de John Bowlby.....	103
b) O apego da infância até a idade adulta .....	105
3. A personalidade dependente.....	108
a) Aspectos gerais.....	108
b) Algumas orientações para os formadores .....	112
4. A personalidade obsessivo-perfeccionista.....	115
a) Aspectos gerais.....	115
b) Algumas orientações para os formadores .....	118
5. Conclusão .....	121

“QUANDO PODEREMOS FINALMENTE VOLTAR AO NOSSO  
VERDADEIRO TRABALHO?” - SER SACERDOTE DIANTE DO  
ESCÂNDALO DOS ABUSOS

*Hans Zollner, S.J.*

1. Algumas situações atuais.....	123
2. Algo aconteceu.....	124
3. Quatro campos de trabalho .....	125
a) Campo 1: Atenção às vítimas.....	125
b) Campo 2: Abertura e transparência.....	126
c) Campo 3: Compromisso com a prevenção.....	127
d) Campo 4: Medidas para a formação e a atualização.....	127
4. Reflexões finais.....	129

ABORDAGEM INTEGRAL DA CONDUTA SEXUAL FORA DE CONTROLE

*Carlos Chiclana*

1. Introdução .....	131
2. Dar nome ao que está ocorrendo.....	136
3. Que fatores podem estar influenciando na origem e desenvolvimento dessas condutas? .....	143
4. Relação dessas condutas com patologias mentais e problemas psicológicos.....	149
5. Como atender alguém com essas dificuldades?.....	152
Anexo 1: Bibliografia complementar .....	158
Anexo 2 : Questionário sobre vício em sexo através da internet (In- ternet Sex Screening Test).....	161
Anexo 3: Inventário de Conduta Hipersexual .....	163

<i>Anexo 4: Perguntas para a exploração explícita do comportamento sexual.....</i>	165
--	-----

### III. O DESENVOLVIMENTO DE UMA VERDADEIRA FRATERNIDADE E PATERNIDADE CRISTÃ

#### O VALOR DA AMIZADE NA VIDA CELIBATÁRIA

*Maurizio P. Faggioni, ofm*

1. A maturidade afetiva do presbítero.....	169
2. Características da amizade .....	174
3. Amizade e fraternidade .....	179
4. As amizades particulares .....	184
5. A amizade com os leigos e com as mulheres .....	190
6. Conclusão: o exemplo de Jesus.....	195

#### A PATERNIDADE CRISTÃ, FRUTO MADURO DE UMA VIDA CASTA

*Mons. Massimo Camisasca*

1. Introdução .....	197
2. A maturidade afetiva de Jesus .....	198
3. Da maturidade afetiva à paternidade.....	202
a) <i>Maturidade afetiva para consigo mesmo.....</i>	202
b) <i>Chamados a ser pais na igreja.....</i>	204
4. Conclusão .....	209

*Para que precisamos de sacerdotes? Precisamos deles simplesmente porque precisamos de Deus. [...]*

*Sua missão como sacerdote é ensinar os homens a amar. É amar o amor e ensinar a amá-lo. Porque realmente precisamos aprender a amar. O amor não consiste no primeiro instante de arrebatamento. Ele consiste precisamente na paciência de aceitar um ao outro, de até estar, internamente, cada vez mais perto um do outro. O amor, assim como o Evangelho, não é água com açúcar, não é comodidade, ao contrário, é um grande desafio, e, nesse sentido, é purificação, transformação e cura de nossa vida, conduzindo-nos para o alto.*

*Ensinar e aprender o amor. Esta é a missão principal de quem fala de Deus. E isso é o que mais necessitamos, pois, se não amamos de forma correta, afastamo-nos de Deus e de nós mesmos, e a vida se torna sombria e estéril.*

J. Ratzinger, *Homilia no 40º aniversário de sacerdócio de Mons. Pároco Franz Niegel*, Unterwossen, 1994, em *Idem, Enseñar y aprender el amor de Dios*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid: 2016, pp. 277 e 279.



## APRESENTAÇÃO

### A afetividade humana e a castidade cristã

*Francisco Javier Insa Gómez*<sup>1</sup>

#### UMA NOVA RELAÇÃO COM DEUS

*Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com toda a tua mente, e a teu próximo como a ti mesmo* (Lc 10,27). O diálogo de Jesus com o doutor da Lei remete a dois textos do Pentateuco (cf. Dt 6,5; Lv 19,18) para sintetizar o que o homem deve fazer para alcançar a vida eterna: *amar* a Deus e *amar* seus semelhantes.

As narrativas de Mateus e Marcos (cf. Mt 22,37-39; Mc 12,30-31) são ligeiramente distintas da de Lucas: nelas, o doutor da Lei pergunta ao Senhor qual é o principal mandamento. A resposta de Jesus é a mesma, porque um amor radical, completo, satisfaz plenamente tudo o que Deus pede ao homem e, ao mesmo tempo, abre-lhe o caminho para desfrutar d'Ele por toda a eternidade.

A relação com Deus adquire então um sentido que, embora não seja totalmente original, contrasta com outras propostas do judaísmo e das religiões pagãs. Nestas, a ênfase é frequentemente colocada na adoração, na submissão, na obediência... Acentua-

---

<sup>1</sup> Sacerdote e psiquiatra. Professor titular de Bioética e secretário do Centro de Formação Sacerdotal da Pontifícia Universidade da Santa Cruz (Roma).

-se a absoluta transcendência de Deus, perante a qual a criatura humana só pode prostrar-se e reconhecer sua insignificância.

O cristão, na verdade, é chamado a entrar em uma relação amorosa com Deus, revelado por Cristo como Pai, Filho e Espírito Santo. E, além disso, sua relação com a Trindade tem um caráter específico: é uma participação na relação do próprio Jesus Cristo com o Pai. Com efeito, o Batismo torna o homem filho no Filho, e quanto mais ele se identificar com Jesus Cristo, mais profundo será o seu conhecimento, sua intimidade e sua relação de amor com o Pai e com o Espírito Santo, até o ponto de se sentir íntimo de cada uma das três Pessoas divinas.

Mas será possível superar esse abismo que existe entre Deus e a criatura? De um ponto de vista meramente humano, não. Mas Deus concede ao homem, de modo gratuito, a virtude infusa da caridade, que pode anular essa distância. O homem é assim renovado por dentro, sem com isso deixar de ser homem, porque a graça não destrói a natureza, mas a aperfeiçoa.<sup>2</sup>

Esse amor vai permeando toda a vida do homem, cada uma de suas ações, de modo que possam converter-se em um culto amoroso a Deus, em um diálogo contínuo com a Trindade.

Neste ponto poderíamos fazer a nós mesmos uma pergunta atrevida: terá Deus o direito de exigir que eu o ame, e mais ainda, que o ame de uma forma tão radical? Sim, por dois motivos.

O primeiro é que “Ele nos amou primeiro” (1Jo 4,19), nos “primeira”, para usar o neologismo cunhado pelo Papa Francisco.<sup>3</sup> Nós apenas respondemos, e de maneira incompleta, ao amor com que Deus se adiantou ao criar-nos, ao dar-nos uma família, ao conceder-nos determinados dons e talentos... e ao preparar para nós uma morada futura no Céu (cf. Jo 14,2-3).

---

<sup>2</sup> Santo Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, I, q. 2, art. 2, ad 1.

<sup>3</sup> Cf., entre muitos exemplos, Francisco, exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 24 de novembro de 2013, n° 24.

O segundo motivo é que somente nesse amor a Deus o homem encontra a satisfação plena de seus anseios mais íntimos: “Fizeste-nos, Senhor, para ti, e inquieto estará nosso coração enquanto não descansar em ti”.<sup>4</sup>

Deus não é, portanto, um tirano que, não contente com a nossa submissão, nos *obriga* a estimá-lo, mas um Pai que nos ama, cuida de nós, vela por nós e é o único capaz de preencher nossa necessidade de amar e ser amados. O duplo mandamento do amor não é um imperativo imposto de fora, mas a expressão daquilo que pode fazer o homem feliz.

## A AFETIVIDADE HUMANA

Toda pessoa é chamada a amar a Deus, e deve fazê-lo de uma forma que é ao mesmo tempo divina — mediante a virtude teológica da caridade — e humana. Dentro dessa dimensão humana se encontra a afetividade: o conjunto de emoções, afetos, sentimentos e paixões que residem no homem e que Deus reclama com radicalidade para si. É preciso amar a Deus com *tudo* isso: “Não possuímos um coração para amar a Deus, e outro para amar as criaturas: este nosso pobre coração de carne ama com um afeto humano que, se está unido ao amor de Cristo, é também sobrenatural”.<sup>5</sup> Os afetos humanos são algo querido por Deus, incluídos nessa satisfação divina com que se conclui o primeiro relato da criação: *Deus contemplou tudo o que havia feito, e viu que era muito bom* (Gn 1,31).

Nossa afetividade faz com que nos sintamos à vontade em tantas circunstâncias agradáveis de nossa vida: um momento de conversa familiar ou com os amigos, uma boa comida, a contemplação de uma obra de arte, a realização de um trabalho que nos agrada,

4 Santo Agostinho, *Confissões*, I, 1, 1.

5 São Josemaria Escrivá de Balaguer, *Amigos de Deus*, Quadrante, São Paulo: 1984, nº 229.

a consciência de que vale a pena o esforço para obter uma recompensa maior, um momento de descanso... Todas essas circunstâncias são acompanhadas de um *prazer*, que pode ser sensitivo (o prazer da comida) ou intelectual (uma boa conversa ou uma boa leitura). O problema acontece quando essas satisfações entram em conflito.

Logo depois do relato da criação, o Gênesis nos fala do pecado, acrescentando que, como consequência deste, o homem percebe uma desordem em suas paixões. Um claro exemplo disso é que Adão e Eva experimentam pela primeira vez um sentimento de vergonha, inclusive diante do próprio Deus (cf. Gn 3,10): tomam consciência de que seu corpo nu pode ser visto *com maus olhos*, isto é, de uma maneira que não respeite sua dignidade, como um mero objeto de satisfação da concupiscência.

Não é que as paixões tenham se tornado más, mas se tornaram desordenadas: perderam a sua hierarquia, cada uma tendendo à sua satisfação sem levar em conta as demais, nem o bem global do homem. Este pode ficar ofuscado e perder de vista o seu fim, que nunca deixou de ser o de gozar de Deus por toda a eternidade.

Entra-se assim em uma batalha interior entre os diferentes bens parciais, genialmente expressa por São Paulo: *Querer o bem está ao meu alcance, não porém o praticá-lo. Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero* (Rm 7,18–19). O Apóstolo sente em si uma tensão tão grande que o faz exclamar: *Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte?* (Rm 7,24). A resposta que recebe do Senhor em outro momento é também um estímulo para nossa confiança: *Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder* (2Cor 12,9). Normalmente essa tensão não se apresentará de modo tão dramático em nossa vida, mas é visível no dia a dia o conflito entre os diversos apetites.

A ascese cristã consiste em reconstruir a ordem desfeita pelo pecado. O termo *ascesis* é de origem pagã, usado tanto em âmbito civil quanto religioso, para indicar o esforço da alma para abrir-

-se à sabedoria e alcançá-la.<sup>6</sup> Também muitos filósofos pagãos, como os estoicos, promoviam um estrito controle sobre as paixões, mas neles a ascese tinha fundamentalmente duas funções: obter o domínio absoluto sobre as tendências e conseguir a *apatheia* que insensibiliza contra os afetos (tanto agradáveis como desagradáveis), pois estes podem dificultar o autocontrole e levar à frustração quando não são satisfeitos. Os estoicos diziam: “é melhor não amar para não sofrer”.

A prática da virtude cristã pode ter alguns pontos em comum com essas doutrinas, mas as diferenças são bem maiores. Em primeiro lugar, o cristão não deve anular seus afetos; ao contrário, seu desejo é dedicá-los a Deus: amar a Deus *com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento* (Lc 10,27). Mas ninguém pode dar o que não tem, e isto implica na necessidade de possuir-se inteiramente para poder entregar-se inteiramente ao serviço de Deus.

Esse amor é o que os filósofos pagãos não souberam descobrir, e o que preenche completamente todas as necessidades do coração do homem. A mera continência dos estoicos, a vida honesta, pode parecer-se externamente com a castidade, mas falta-lhe a alma, que é o amor, e por isso ela não pode satisfazer. Deus, ao contrário, não decepciona nunca.

## A CASTIDADE CRISTÃ

A obtenção da ordem nas emoções, afetos, sentimentos e paixões é o objeto da virtude da castidade, que, ao longo destas páginas, como mostramos até agora, deve ser entendida em um sentido muito mais amplo do que o mero domínio do impulso sexual.

---

<sup>6</sup> Cf. J. Gribomont, *Ascesis*, em A. Di Berardino (ed.), *Encyclopedia of Ancient Christianity*, vol. 1, Inter Varsity Press Academic, Downers Grove (IL): 2014, p. 253.

A função da formação da afetividade será ajudar a inteligência e a vontade a conseguir esta ordem, este domínio, este saber o que é bom, desejar alcançá-lo e empregar os meios oportunos para obtê-lo.

É certo que o equilíbrio perfeito não pode ser alcançado completamente nesta vida, onde sempre estaremos sujeitos à concupiscência. O crescimento na virtude da castidade é sobretudo um processo em que sempre se pode avançar, e tem um caráter eminentemente positivo: possuir-me para dar-me, agir de acordo com minha dignidade de pessoa e minha vocação, respeitar a pessoa — a si mesmo e aos demais — em sua unidade corpo-alma.

Seria, portanto, não apenas um reducionismo, mas um equívoco, limitar a formação da afetividade a um mero controle ou repressão de certas tendências humanas. Uma abordagem deste tipo não conseguiria formar pessoas virtuosas, capazes de amar *de todo o coração*, mas apenas formaria seres continentos, que talvez se comportassem externamente da mesma maneira que o casto, mas com a importante diferença de que lhes faltaria a alma: o amor como origem e como meta de suas ações.

Esta abordagem pode talvez parecer, à primeira vista, demasiado abstrata e distante das lutas e dificuldades que se encontram no dia a dia para viver a castidade. No entanto, facilmente se chega à conclusão de que esta visão ampla é necessária para *integrar* a dimensão sexual no conjunto da pessoa humana. Segundo o Catecismo da Igreja Católica, a virtude da castidade é precisamente uma expressão dessa integração.<sup>7</sup>

Mas é certo que tal visão exige um complemento, ou melhor, uma explicitação, de um ponto de vista mais material e ligado ao âmbito terreno. A castidade é também amar a Deus com o corpo, descobrindo nele a imagem de Deus — e não somente na alma — e reconhecendo-o como templo de Deus onde habita o Espírito Santo (cf. 1Cor 3,16). O corpo goza de uma grande dignidade e, portanto, deve ser tratado como algo sagrado. Assim,

---

<sup>7</sup> Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n° 2337.

o primeiro mandamento proposto pelo Senhor a seus seguidores pode ser complementado: amar a Deus com todo o coração, com toda a alma... e com todo o corpo.

### A FORMAÇÃO DA AFETIVIDADE NOS CANDIDATOS AO SACERDÓCIO

O que dissemos até agora pode ser aplicado a todas as pessoas — também aos não cristãos —, qualquer que seja o seu estado de vida: homens ou mulheres, jovens, solteiros ou casados, leigos ou sacerdotes.

A vocação sacerdotal acrescenta algumas características peculiares. A mais evidente é, ao menos na Igreja latina, o celibato: o presbítero é chamado — pois recebeu esse chamado como um dom que é parte de sua vocação — a viver sua afetividade renunciando ao matrimônio. Isto é, não somente renunciando ao exercício da função sexual, mas também a compartilhar um projeto de vida com uma mulher, que seria sua companheira também afetivamente.

O celibato pelo Reino dos Céus (cf. Mt 19,12) não significa renunciar à própria condição sexuada, nem pretender que se extingam as paixões e emoções neste âmbito. Ao contrário, requerirá integrar — para continuar empregando o termo utilizado no Catecismo — todas essas reações dentro do projeto vital, da vocação.

A terceira edição da *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* faz eco à necessidade de uma adequada formação dos candidatos ao sacerdócio neste âmbito: “No campo psicológico [a formação] se ocupa da constituição de uma personalidade estável, caracterizada pelo equilíbrio afetivo, o domínio de si e uma sexualidade bem integrada”.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Congregação para o Clero, *O dom da vocação presbiteral. Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, 8 de dezembro de 2016, Libreria Editrice

Estes três pontos servirão como guia para discernir se o candidato ao sacerdócio — ou o ingressante no seminário — alcançou a “suficiente maturidade”<sup>9</sup> que o Código de Direito Canônico considera como condição necessária para aceder às Ordens Sagradas. Esse discernimento será feito com base, tanto na observação do comportamento externo do candidato por parte dos formadores, como na abertura confiante do seminarista nas conversas com eles.

A visão do celibato sacerdotal que emerge da *Ratio* é eminentemente positiva: ele não é visto como uma carga ou um tributo que é preciso pagar, mas como um dom de si mesmo que o sacerdote faz a Deus, e sobretudo como um dom que recebe d’Ele e que permite amar a Cristo com um coração indiviso, dedicar-se mais livremente ao serviço de Deus e dos homens, e tornar-se mais apto a aceitar em Cristo uma paternidade mais ampla. Visto assim, o celibato não apenas não prejudica o adequado desenvolvimento do homem, como também “desenvolve a maturidade da pessoa, tornando-a capaz de viver a realidade do próprio corpo e da própria afetividade a partir da lógica do dom”.<sup>10</sup>

A falta de uma adequada integração, pelo contrário, tornaria desaconselhável proceder à ordenação: “seria gravemente imprudente admitir ao Sacramento da Ordem um seminarista que não tivesse desenvolvido uma afetividade serena e livre, fiel na castidade celibatária, através do exercício das virtudes humanas e sacerdotais, entendida como abertura à ação da graça e não apenas como esforço da vontade”.<sup>11</sup>

---

Vaticana, Cidade do Vaticano: 2016, nº 94. Para um estudo mais completo sobre a dimensão humana da formação na nova *Ratio*, cf. F. J. Insa Gómez, *L'uomo, il discepolo, il pastore. La formazione umana nella terza edizione della Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis*, “Annales Theologici” 32 (2018), pp. 11–44; as páginas 24–32 se referem à formação da afetividade.

9 Código de Direito Canônico, c. 1031, §1.

10 Congregação para o Clero, *O dom da vocação presbiteral*, nº 110.

11 Ibid.

Somente quem tiver uma afetividade bem integrada, isto é, quem souber viver com naturalidade e de acordo com a moral cristã a sua condição de homem, com tudo o que ela implica (atração pelo sexo feminino, curiosidade, paixões que às vezes se manifestam com mais força, etc.), estará em condições de assumir os compromissos do celibato. Em outras palavras: quem alcançou o domínio de si mesmo, sem deixar-se arrastar pelas paixões, pode entregar a Deus o exercício de sua sexualidade. Quem não tiver chegado a esse autodomínio, dificilmente poderá fazer uma doação total.

Busca-se com isso o bem do próprio candidato — e, portanto, o do futuro sacerdote —, pois uma decisão precipitada o levaria a assumir compromissos que, em suas presentes condições psíquicas e afetivas, poderia não estar em condições de viver, o que poderia tornar a sua entrega mais difícil e até mesmo colocar em risco a fidelidade ao carisma recebido. Por outro lado, o bem dos fiéis exige que os pastores tenham não somente uma sólida formação doutrinal, mas também uma adequada maturidade interior.<sup>12</sup>

Parece-nos oportuno chamar brevemente a atenção — embora o tema seja desenvolvido mais detalhadamente ao longo do livro — para os meios que a *Ratio* assinala para a formação da afetividade e para favorecer o progressivo amadurecimento humano dos candidatos ao sacerdócio. O documento destaca o acompanhamento pessoal por parte dos formadores,<sup>13</sup> a direção espiritual — considerada “um instrumento privilegiado para o crescimento integral da pessoa”<sup>14</sup> —, a vida de oração e a graça obtida nos Sacramentos (Eucaristia e Penitência). Por último, indica-se que em alguns casos será recomendável o recurso a

---

12 Cf. *Ibid*, nº 41.

13 Cf. *Ibid*, nº 44–49.

14 *Ibid*, nº 107.

especialistas em saúde mental,<sup>15</sup> tema que também será abordado nestas páginas.

## CONTEÚDO DO LIVRO

Entre os dias 5 e 9 de fevereiro de 2018 aconteceu na Pontifícia Universidade da Santa Cruz (Roma) a V Semana de Estudos para Formadores de Seminários, com o título “Ensinar e aprender a amar. A afetividade humana e a castidade cristã”. Quase uma centena de sacerdotes procedentes de dezessete países se reuniram na Cidade Eterna para refletir sobre este aspecto da formação dos candidatos ao sacerdócio a partir de diversos pontos de vista (teológico, filosófico, pastoral e psicológico). Tanto nas colocações como no diálogo entre os participantes surgiram ideias e abordagens úteis para apresentar a virtude da castidade de um modo mais prazeroso, integrado, cheio de significado, paternal e apostolicamente eficaz na vida do candidato ao sacerdócio.

O presente livro recolhe algumas das conferências apresentadas naquela ocasião, e quer ser uma ajuda para que os diversos protagonistas da direção dos seminários possam ajudar os candidatos a crescerem humana e espiritualmente em seu caminho de configuração a Cristo, Bom Pastor. Pensamos, além disso, que a maior parte destas sugestões são também aplicáveis aos que já receberam a ordenação e aos jovens que buscam ajuda para levar uma vida autenticamente cristã.

As colocações foram agrupadas em três partes que formam o esqueleto do livro: uma primeira parte filosófico-teológica, uma segunda psicológica, e uma terceira que poderíamos chamar existencial, que mostra o fruto de uma vida casta na entrega de si mesmo aos demais.

---

15 Cf. *Ibid*, nº 63.

*A virtude cristã da castidade: questões teológicas e antropológicas*

A primeira parte apresenta as bases teológicas e antropológicas da castidade, entendida como uma virtude necessária para o crescimento na vida de relação com Deus, para o desenvolvimento harmônico da personalidade e para conseguir uma relação sadia com os demais homens. Ela deve, portanto, ser vista como uma virtude alegre, positiva e sempre aberta ao crescimento.

O livro se inicia com a reflexão de Sua Eminência Reverendíssima Dom José Maria Yanguas (Bispo de Cuenca, Espanha) sobre a relação da castidade com as três virtudes teológicas. A exposição parte da vida nova em Cristo que o cristão inaugura com o Batismo: uma nova forma de ser que implica em um novo modo de agir. Daí se deduz a necessidade de uma vida moral que lhe permita atuar como outro Cristo. A castidade, sem ser a mais importante das virtudes, é necessária para deixar-se conduzir pelo amor de Deus, para que a inteligência se abra à luz da fé e para que o homem ponha sua esperança nos bens espirituais.

Julio Diéguez (professor de Teologia Moral na Pontifícia Universidade da Santa Cruz) apresenta a castidade pela perspectiva da virtude cardinal da temperança. Uma formação que assuma este enfoque não deveria centrar-se em evitar determinados comportamentos ou em adequar a conduta a determinadas normas. Antes, deveria tratar-se de educar a própria inclinação, de maneira a experimentar uma conaturalidade, também afetiva, com o bem. O capítulo termina desenvolvendo os meios que podem ajudar a crescer nesta virtude, agrupados em dois tipos: os que dependem do próprio sujeito e os que podem ser oferecidos pelo seminário.

Por último, Paul O'Callaghan (professor de Antropologia Teológica na Pontifícia Universidade da Santa Cruz) destaca a necessidade que toda pessoa tem de saber-se amada como condição para poder amar aos demais. Para facilitar uma eficaz doação ao próximo, sacrificada, perseverante e generosa, ele propõe

uma *dinâmica da gratificação diferida*, que consiste em respeitar os tempos do amor sem buscar a satisfação imediata dos desejos e exigências. Desenvolve sua tese em seis pontos práticos que podem servir para a formação dos seminaristas.

### *A perspectiva psicológica*

As ciências humanas, e concretamente a medicina e a psicologia, podem ser de grande utilidade no trabalho de formação. Essas disciplinas ajudam a compreender tanto o funcionamento normal da psique humana como as causas e o tratamento das diversas enfermidades mentais, bem como as medidas que podem ser tomadas no trabalho de formação para fomentar um desenvolvimento sadio da personalidade, que é a melhor prevenção contra estas patologias. Além disso, essas disciplinas nos oferecem instrumentos para o discernimento vocacional daqueles que estão considerando um possível chamado ao sacerdócio.

Esta parte começa com o capítulo de Wenceslao Vial (médico e professor de Psicologia e Vida Espiritual na Pontifícia Universidade da Santa Cruz), que faz um breve percurso pela psicopatologia, detendo-se em alguns quadros que podem ser encontrados com mais frequência entre os seminaristas: os transtornos de personalidade, os transtornos afetivos e a síndrome do *burnout*. Em sua exposição, ele destaca alguns sinais que podem servir de alerta e contribuir para um diagnóstico precoce.

Francisco Insa (psiquiatra e professor de Bioética na Pontifícia Universidade da Santa Cruz) estuda dois tipos específicos de personalidade: a dependente e a obsessivo-perfeccionista. Para suas reflexões, parte da *teoria do apego*, desenvolvida pelo psicólogo americano John Bowlby, que dá uma base para entender a origem destes aspectos da personalidade. Finalmente, oferece orientações práticas que podem ajudar no trabalho de formação dos candidatos que apresentem estas características.

Os tristes casos de abuso de menores por parte de alguns eclesiásticos são abordados por Hans Zollner (decano do Instituto de Psicologia e presidente do Centro para a Proteção de Menores da Pontifícia Universidade Gregoriana). Ele destaca que a proteção dos menores não é uma incômoda tarefa acrescentada ao *verdadeiro* trabalho pastoral como consequência desses lamentáveis episódios, mas que faz parte da missão própria da Igreja. Aponta quatro âmbitos de trabalho neste campo: a atenção às vítimas, uma atitude de abertura e transparência, o compromisso com a prevenção e uma dinâmica de formação e atualização permanente dos presbíteros.

Partindo de sua ampla experiência profissional, Carlos Chiclana (psiquiatra e professor de Psicopatologia na Universidade San Pablo CEU de Madrid) apresenta alguns critérios clínicos para detectar que um indivíduo perdeu o controle sobre sua conduta sexual porque esta passou a ser patológica (especialmente, mas não de modo exclusivo, pelo uso de pornografia *online*). Depois de assinalar alguns fatores predisponentes, sublinha as condições que deveriam levar o formador a compreender que é necessário recorrer a um profissional de saúde mental. Finalmente, acrescenta algumas indicações práticas para ajudar pessoas com esses problemas.

### *O desenvolvimento de uma verdadeira fraternidade e paternidade cristã*

O livro termina descrevendo o fruto de uma afetividade madura: a capacidade de dar-se aos outros, seja vivendo uma enriquecedora amizade com uma grande variedade de pessoas — especialmente a fraternidade com os demais seminaristas, e depois com os demais sacerdotes — seja no trabalho pastoral que se realizará depois da ordenação.

O celibato sacerdotal, como ressalta Maurizio Faggioni (professor de Teologia Moral Sistemática na Academia Alfonsiana e médico endocrinologista), implica em uma forma peculiar de viver a afetividade, mas o sacerdote não perde, com a ordenação, a necessidade de estabelecer relações profundas com as quais possa compartilhar a própria intimidade. A amizade se mostra como um lugar privilegiado onde satisfazer esta necessidade, tanto mediante a fraternidade com os que partilham da mesma vocação, como no trato com homens e mulheres de todas as condições. Ele desenvolve o conceito de *amizade espiritual*, que é aquele afeto verdadeiramente sólido e profundo que ajuda os amigos a responder cada vez melhor ao próprio chamado.

Por último, Sua Eminência Reverendíssima Dom Massimo Camisasca (bispo de Reggio Emilia-Guastalla) faz a ligação com o capítulo inicial e relaciona a castidade do cristão com o chamado a identificar-se com Jesus Cristo, concretamente em sua relação de amor com o Pai e em seu olhar amoroso para os homens. Esta forma de vida facilita o desenvolvimento de uma maturidade também humana e capacita o sacerdote para exercer a paternidade espiritual para com seus fiéis, gerando Jesus Cristo no coração e na vida dos homens.

\*\*\*

Esperamos que este livro seja útil aos responsáveis pela formação nos seminários, em sua tarefa de ajudar os candidatos a amar a Deus e ao próximo com um coração íntegro e puro. Assim, a partir de sua própria experiência, eles poderão ensinar as pessoas que buscarão sua ajuda espiritual a crescer neste amor.

Para concluir esta apresentação, gostaria de agradecer a tantas pessoas que tornaram possível que este livro visse a luz, especialmente aos demais membros do Comitê Diretivo do Centro de Formação Sacerdotal da Pontifícia Universidade da Santa Cruz, professores Paul O'Callaghan, Manuel Belda e Miguel de Salis.